UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

INSERÇÃO DE JOVENS LGBT+ NO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO DE PERMANÊNCIA E INCLUSÃO/EXCLUSÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Victoria Lima da Silva[1]; Mirela Figueiredo Santos Iriart[2]
1. Victoria Lima da Silva, Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: victorilima05@hotmail.com
2. Mirela Figueiredo Santos Iriart, DEDU, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mifis36@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Jovens; LGBT+; Ensino superior

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a inserção de jovens LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, entre outros.) no ensino superior, observando aspectos sobre construção e ações desses grupos, especificamente, dentro da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Segundo Dinis (2008), a universidade, além garantir a difusão dos conhecimentos científicos, deve também prover o desenvolvimento de políticas de inclusão, a partir do respeito dos direitos humanos e do exercício da cidadania. Neste contexto, cabe a reflexão: como isso poderá garantir o acesso, inclusão e permanência das minorias sexuais e de gêneros nas universidades?

O debate sobre as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero na Universidade tem sido incluído no espaço acadêmico desde 1970, isso se deve às fortes pressões oriundas dos grupos LGBT+ e feministas que acusaram as instituições escolares de invisibilizarem suas representações de mundo nos programas curriculares. Nesta década, a teoria feminista foi fundamental ao propor a concepção de gênero (culturalmente construído) como alternativa ao termo sexo (natural, de matriz heteronormativa) e, deste modo, dissidente aos determinismos biológicos, ou seja, permitindo compreender que as relações sociais sustentadas na diferença sexual eram construídas socialmente e não naturais. Isto posto, o estabelecimento do conceito de gênero é fundamental na discussão do objeto de pesquisa então proposto, visto que a produção e desfragmentação de conceitos é uma consequência do próprio processo de afirmação identitária e cultural dos sujeitos. Esta grande virada epistemológica sobre a terminologia para as questões de gênero, no campo da história da educação, só ocorreu a

partir dos anos de 1990, com as pesquisas de Guacira Lopes Louro e através da teoria *queer*, que questiona a normatividade heterossexual e reitera que as identidades sexuais e de gênero dos indivíduos são o resultado de um construto social e que, à vista disso, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana. A partir de Louro os pesquisadores de importantes centros universitários de educação do país, "têm debatido temas como gênero e sexualidade a partir de uma visão culturalista, rompendo com o paradigma biologizante predominante." (DINIS, 2008, p. 479)

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

As etapas da desenvolvidas a partir da pesquisa "Processos de Ingresso no Ensino Superior" envolveram: levantamento bibliográfico, coleta dos dados e leitura e fichamento das teorias; Entrevistas em profundidade de forma remota, através de plataformas de videoconferência; Grupo focal e Sistematização e análise de dados.

Para a realização das entrevistas, foram selecionados 10 participantes jovens, cursando os primeiros semestre dos cursos de licenciatura e bacharelado da UEFS, que haviam participado da primeira etapa da pesquisa: aqueles que demonstraram voluntariedade em contribuir com a pesquisa durante o processo de aplicação dos 120 questionários realizada no período de novembro a dezembro de 2019. As entrevistas foram gravados através da plataforma do Goggle Meet e duraram em média de 30 a 50min. Realizou-se também uma entrevista autonarrativa com um estudante LGBT+ convidado. A autonarração foi explorada por meio de gravações de áudio via Whatsapp, durando cerca de 1h30min. Foi transcrita e está em processo de categorização e análise.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Através dos dados, percebeu-se que há uma quantidade muito baixa de estudantes LGBT+ inseridos no ensino superior comparada a quantidade de estudantes heterossexuais, (94 estudantes) e cisgêneros, (120 estudantes), enquanto, apenas 11.7% (14 estudantes) se identificaram como homossexuais (cisgênero), 10% (12 estudantes) como bissexuais (cisgênero) e, dentre as (os) Trans a situação é ainda pior, uma vez que não aparecem registros de identificação de acordo com o banco de dados coletados.

Essas desigualdades se intensificam quando olhamos para os dados de raça/cor identificados pelos estudantes, por exemplo, as chances de um(a) LGBT+ cis-mulher bissexual (83.3%), branca (41.7%), e de religião protestante/evangélica (60% dentre todos os bissexuais), adentrar à universidade é maior do que os demais LGBT+. Isto posto, é interessante refletir sobre o processo de assimilacionismo, contestado pela Teoria Queer (LAURETIS, 1991), no qual, a homossexualidade, sobretudo, de homens gays brancos e de classe média, era integrada dentro do sistema heterocentrado, porém, desde

que fosse praticada de forma “higiênica”, ou seja, essa aceitação só aconteceria se aqueles não performassem uma feminilidade, não fossem “extravagantes”. Dessa maneira, dentro da pirâmide hierárquica do sistema correlacional sexo-gênero-sexualidade-raça (pênis-homem-heterossexual-branco ou vagina-mulher-heterossexual-branca), quanto mais distante da norma, mais vulnerável, subalternizado e marginalizado o corpo dissidente estará, como é o caso dos corpos negros e Trans que praticamente não aparecem nos dados da pesquisa.

No que se refere aos suportes de permanência acadêmica, que se desdobram em: materiais, sociais, afetivos e institucionais, mais de 60% dos LGBT+, desde a inserção até à permanência, identificaram a mãe e os amigos como aqueles que forneciam e representavam apoio emocional na universidade. Além disso, a maioria desses jovens marcaram não contar com as políticas de assistências estudantis da universidade - políticas que surgem com o objetivo de atender às necessidades sociais desses ingressantes, como: transporte, bolsas, moradia estudantil, auxílio-moradia, alimentação, acesso aos serviços psicossociais, de saúde, aos equipamentos de informática etc. - como, por exemplo, o suporte psicossocial oferecido pela instituição. Nesse sentindo, 50% dos homossexuais e 45.5% dos bissexuais ainda declararam que *raramente* os equipamentos e serviços oferecidos pela UEFS atendem às suas necessidades.

A transição do ensino médio para o ensino superior é acompanhada de mudanças, rupturas e muitos desafios, como evidencia Coulon (2008, p.40) ao explicar a *noção de passagem*, dívida em três tempos: o *tempo de estranheza*, ao qual os novos estudantes sentem-se separados de um passado familiar, havendo, dessa maneira, um momento de rupturas e redirecionamentos que configuram os processos de adaptação. Em seguida, é o *tempo da aprendizagem*, frequentemente, vivido de forma dolorosa, repleto de dúvidas, incertezas e ansiedades. O estudante não conhece mais a familiaridade de seu passado escolar e ainda não tem um futuro acadêmico ou profissional: “ele está no espaço entre os dois momentos e não tem mais referências” (COULON, 2008, p.41). E por fim, o *tempo da afiliação*, quando os estudantes já utilizam as regras e os códigos institucionais com desenvoltura, é o momento em que eles aprendem ler o contexto universitário e decifrar as suas regras, além de dominar melhor habilidades acadêmicas de expressão oral e escrita sendo, então, um momento fundamental para a construção do seu ofício de estudante (COULON, 2008, p.42). Como podemos pensar essa transição para um novo status social entre estudantes LGBT+, cujas identidades e performatividades são vistas de forma abjeta e ainda encontram resistências nos espaços acadêmicos?

Dinis (2008) avalia que, mesmo com significativos avanços no espaço acadêmico sobre diversidade sexual e de gênero, ainda podem-se detectar diversos hiatos sobre a criação de novas áreas de conhecimento que inclua, por exemplo, os estudos de gênero na educação, como a "resistência de instituições financiadoras de pesquisa, como o CNPq" (DINIS, 2008, p. 480). De modo geral, boa parte das instituições educacionais ainda não estão preparados para lidar com as diferentes formas e expressões que as identidades dissidentes performam. Percebe-se que mesmo de forma sutil, frequentemente, a violência, a exclusão, o preconceito e a discriminação são naturalizados nesses ambientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Os dados analisados apontaram que os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT+, estão atrelados também às questões socioeconômicas, às políticas de identidade, às lacunas na assistência estudantil desfavoráveis e à pouco acesso aos suportes institucionais para permanência. No entanto, de modo geral, o bom convívio e a facilidade de se relacionar com os colegas de curso, assim também como o apoio dos amigos desde à entrada na UEFS tem sido um facilitador para esses estudantes superarem os desafios de permanecer na universidade. Assim, é importante pensar na universidade como um espaço de formação de sujeitos, onde a diversidade humana se faz presente e a diferença precisa ser integrada. Não obstante, o trabalho ainda carece buscar novos elementos para dar continuidade, no sentido de aprofundar as análises acerca da permanência simbólica dos que se encontram em situação de vulnerabilidade social. É imprescindivel também destacar a importância sobre a implementação de politicas de permanência e inclusão de qualidade e eficazes voltadas, principalmente, à população Trans, uma vez que, segundo o que foi supracitado, são quem menos ocupam espaços nas instituições de ensino superior.

REFERÊNCIAS

COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.** , Campinas, v. 29, n. 103, pág. 477-492, agosto de 2008. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302008000200009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 14 de agosto de 2020. https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200009

LAURETIS, Teresa de."**Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities**", Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies, 3(2), iii-xviii, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista.1.ed. São Paulo: Vozes, 1997.